



Fotos batidas de um mesmo ângulo, mas em épocas diferentes, mostram como a cidade mudou. A ponte seca chegou a ficar encoberta pelos prédios

Foto mostra a Vitória que não existe mais

Giovanna Santos

Morador reclama do fim da tranquilidade

A tranquilidade é o que mais faz falta em Vitória atualmente. A afirmação é de moradores antigos da cidade, que lembram com saudosismo dos tempos em que não existiam assaltos e se podia dormir até com as janelas e portas sem tranca.

A aposentada Floripes Marinho Machado, por exemplo, que tem 85 anos e mora em Vitória há 33, disse que antigamente não existia a violência dos dias de hoje. Ela conta que saía bastante, sem medo de ser assaltada, coisa que em sua opinião é impossível fazer agora.

Ela ressaltou que a cidade antigamente era muito mais bonita. "A praia de Camburi era só barraquinha e banho de mar", lembra. "Hoje Camburi virou uma cidade", lamenta.

Outro que tem saudades da tranquilidade dos tempos antigos é o aposentado Augusto Azevedo, 75 anos, 56 dos quais passados em Vitória.

Ele salientou que fica muito entristecido quando vê que casas antigas estão sendo derrubadas para dar lugar a edifícios. "Eu fico sentido, me dói o coração ver demolirem as casas antigas de Vitória", disse.

A pensionista Odette Marinho Valadares, 80 anos, viveu a mocidade em Vitória antes de se mudar para o Rio de Janeiro. Há cinco anos ela voltou para a cidade e diz que Vitória hoje está mais bonita. "Mas tem muita violência", ressalta.

Ela disse que no passado era tudo muito mais tranquilo. "Não tinha nada de violência. Era tudo diferente do que é hoje", comparou.

Uma das figuras mais tradicionais da cidade, o ex-prefeito Adelpho Poli Monjardim, 89 anos, disse que não há como fazer comparação entre a Vitória de antigamente e a de hoje. Mesmo assim, compara: "A vida antes era muito mais calma na cidade, todos se conheciam, mas, em compensação, a infra-estrutura hoje é bem melhor."

"Eu tenho saudades daquele tempo", disse ele, que afirma sentir falta da liberdade maior que havia e do maior entrosamento entre as pessoas: "A gente podia dormir com a porta aberta que ninguém nos molestava", relatou.

Cenas da Vitória antiga

- A condução era o bonde, primeiro movido à tração animal, depois à eletricidade
- Os bairros da Zona Norte não existiam. A Praia do Canto era um balneário usado como local de férias por quem morava no centro da cidade
- Para se chegar à praia de Camburi — então chamada de praia de Maruípe — tinha-se que atravessar um trecho de Mata Atlântica, onde hoje é Jardim da Penha
- Parque Moscoso e Cidade Alta eram os locais nobres da cidade
- A avenida Vitória, toda de terra, era chamada "Caminho do Suá"

Imagine-se tendo que atravessar um denso trecho de Mata Atlântica para chegar até a praia de Camburi, ou passando pela curva do Saldanha da Gama através de um estreito caminho de terra, ou até mesmo morando no centro da cidade e passando as férias de verão na "distante" Praia do Canto.

As situações, que parecem impossíveis para os mais jovens moradores da cidade, faziam parte do dia-a-dia de Vitória nos "tempos antigos".

Esses velhos tempos estão sendo retratados na exposição "Vitória — 1905 a 1958", aberta ontem à noite na Fafi, no centro. A exposição, coordenada pelos historiadores Carlos Benevides, Suely Carvalho e Wallace Bonicenna é em comemoração aos 442 anos de fundação de Vitória e mostra 96 cartões postais da primeira metade deste século.

Estão retratadas, por exemplo, a reforma da Catedral de Vitória, em 1935, e paisagens bem mais antigas, como um elegante clube da cidade em 1905, chamado Trianon, onde é hoje a sede do Clube de Regatas Saldanha da Gama.

Observando os postais pode-se

Em exposição, as cenas de uma cidade mais tranqüila, onde os bairros eram separados por matas e manguezais

notar as mudanças radicais ocorridas na cidade ao longo dos anos. Da Vitória colonial, só restam duas casas na rua José Marcelino, na Cidade Alta, e algumas igrejas, como a São Gonçalo, do Carmo e a fachada do convento São Francisco.

A Praia do Canto, hoje bairro nobre, era usada como balneário. As pessoas saíam do centro para passar férias em suas casas de praia, que ficavam na Praia do Canto. Somente a partir dos anos 30 é que o local passou a ser um bairro, com a construção de mansões.

Ir a Camburi era uma aventura. A Ponte da Passagem existia, isso em 1929, mas para chegar até a praia, as pessoas tinham que atravessar um estreito caminho por Jardim da Penha, que na época

era pura Mata Atlântica.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com o historiador Carlos Benevides, Vitória permaneceu a mesma desde sua fundação até o governo de Jerônimo Monteiro (1908 a 1912). Ele contou que este governador foi o grande impulsionador das transformações da cidade, começando pela reforma total nos prédios.

É obra de Jerônimo Monteiro a reforma que deu origem ao atual design do Palácio Anchieta e também a implantação de luz, água e esgoto na cidade. Depois desse governo, Vitória só teria novo impulso no período de Florentino Avidos, no final da década de 20.

A construção do prédio da Fafi também aconteceu durante o governo de Jerônimo Monteiro. Saltando no tempo, a partir de 1951 começam a ser construídos os edifícios, bem como o aterro da Esplanada Capixaba, no governo de Jones dos Santos Neves.

As favelas começaram a surgir na segunda metade da década de 50, no governo de Francisco Lacerda de Aguiar.

A exposição "Vitória — 1905 a 1958" fica aberta até o dia 30 de setembro, das 8 às 22 horas. A Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Ufes também vai abrir hoje, às 19 horas, exposição sobre o mesmo tema: "E a Ilha Mudou. Vitória: 1850-1950". A abertura da exposição, que poderá ser vista até 17 de outubro, vai acontecer no Museu Solar Monjardim.



Só a partir de 1912 é que Vitória começou a conhecer um maior crescimento